

Presença da “colônia portuguesa” na paisagem cultural e midiática do Rio de Janeiro: o Grêmio Literário Português e o Retiro Literário Português (1855-1885)

*Sébastien Rozeaux**

École des Hautes Études en Sciences Sociales - Paris, França

RESUMO

A história do associativismo cultural português no Rio de Janeiro do Segundo Reinado é marcada pela fundação de agremiações famosas e ainda vivas tais como o Real Gabinete Português de Leitura ou o Liceu Literário Português. No entanto, outras sociedades desempenharam um papel relevante no campo cultural carioca. Ambos, o Grêmio Literário Português, fundado em 1855, e o Retiro Literário Português, fundado em 1859, iniciaram uma política editorial inédita a fim de promover suas atividades, difundir a cultura portuguesa e trabalhar em prol de um estreitamento dos intercâmbios culturais luso-brasileiros. Através do estudo das publicações destas duas sociedades, pretende-se oferecer reflexões inéditas sobre a história conturbada do associativismo cultural português no Rio de Janeiro, discutindo sua articulação com o cenário cultural da capital imperial e avaliando seu papel e importância na colônia portuguesa, tendo em conta a heterogeneidade social crescente no seu seio e a concorrência entre as numerosas sociedades lusitanas.

Palavras-chave: associativismo; colônia portuguesa; Segundo Reinado; literatura, revistas.

ABSTRACT

The history of the Portuguese cultural association movement in Second Empire Rio de Janeiro is characterized by the founding of famous associations still active nowadays, such as the Real Gabinete Português de Leitura or the Liceu Literário Português. Yet, some other associations played an important part in Rio de Janeiro's cultural scene. Both the Grêmio Literário Português, founded in 1855, and the Retiro Literário Português, founded in 1859, created a brand new editorial policy in order to promote their activities, popularize Portuguese culture, and work for an increase of Luso-Brazilian cultural exchanges. Through the study of the literary reviews that both societies published, this paper aims to offer new perspectives on the troubled history of the Portuguese cultural association movement in Rio de Janeiro. This implies focusing on their relationships with the local cultural scene,

DOI - <http://dx.doi.org/10.1590/2237-101X01703308>

Artigo recebido em 22 de outubro de 2015 e aprovado para publicação em 13 de março de 2016.

* École des Hautes Études en Sciences Sociales. Mondes américains — CRBC. E-mail: rozeaux@gmail.com.

and evaluating the part they played into a growing Lusitanian community in which social heterogeneity is growing.

Keywords: association movement; Lusitanian community; Second Empire; literature; reviews.

Desde a década de 1840, desembarcam no porto do Rio de Janeiro, em números crescentes, milhares de portugueses em busca de trabalho e fortuna.¹ Em 1872, em uma população estimada em 275 mil habitantes, a capital brasileira conta com pouco menos de 56 mil portugueses, ou seja um quarto da população livre da capital, entre os quais uma grande quantidade de menores de idade.² Em 1890, a colônia portuguesa já conta quase 100 mil pessoas, para uma população total estimada em meio milhão de habitantes.³ Uma boa parte desses imigrantes são empregados no setor do comércio portuário, o qual é organizado em estreita dependência com as casas de comércio de Portugal, principalmente do Porto.⁴ Nesses estabelecimentos trabalham numerosos caixeiros, cuja integração socioprofissional é baseada na solidariedade familiar e intracomunitária. De fato, a constituição da “colônia portuguesa” no Rio de Janeiro, principal comunidade estrangeira no Brasil no século XIX, é contemporânea da fundação de numerosas associações culturais, instrutivas, de beneficência ou, mais tarde, mutualistas e desportivas,⁵ que surgem para paliar os poucos recursos da representação consular portuguesa e da política pública no tocante ao acesso à saúde, educação

¹ A bibliografia sobre a imigração portuguesa no Brasil é muito rica. Podemos citar aqui: CRUZ, Maria Antônia. Agruras dos Emigrantes Portugueses no Brasil — contribuição para o estudo da emigração portuguesa na segunda metade do século XIX. *Revista de História*, Porto, v. VII, p. 7-134, 1986-1987. PEREIRA, Miriam Halpern. *A política portuguesa de emigração (1850-1930)*. São Paulo: EDUSC; Instituto Camões, 2002. TRINDADE, Maria Beatriz Rocha; DOMINGOS, José Alves Caeiro. *Portugal — Brasil: migrações e migrantes, 1850-1930*. Lisboa: Inapa, 2000. CERVO, Amado Luiz; MAGALHÃES, José Calvet de. *Depois das caravelas: as relações entre Portugal e Brasil, 1808-2000*. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 2000. Capítulo 3.

² MENEZES, Lená Medeiros de. A presença portuguesa no Rio de Janeiro segundo os censos de 1872, 1890, 1906 e 1920: dos números às trajetórias de vida. In: SOUSA, Fernando de; MARTINS, Ismênia de Lima; MEIRELES PEREIRA, Conceição (Org.). *A emigração portuguesa para o Brasil*. Porto: CEPES; Afrontamento, 2007, p. 103.

³ LESSA, Carlos. Rio, uma cidade portuguesa? In: LESSA, Carlos (Org.). *Os Lusíadas na aventura do Rio moderno*. Rio de Janeiro: Record/Faperj, 2002, p. 27.

⁴ ALVES, Jorge Fernandes. *Os brasileiros, emigração e retorno no porto Oitocentista*. Porto: Gráficos reunidos, 1994.

⁵ Elisa Muller conta 23 associações fundadas no Rio de Janeiro no século XIX, sendo 18 de beneficência ou mutualistas, esquecendo de citar as duas sociedades literárias estudadas neste artigo. MULLER, Elisa. A organização sociocomunitária portuguesa no Rio de Janeiro. In: LESSA, Carlos (Org.). *Os Lusíadas na aventura do Rio moderno*, op. cit., p. 309. Ver também, para uma perspectiva histórica e antropológica: MELO, Daniel; SILVA, Eduardo Caetano da (Org.). *Construção da nação e associativismo na emigração portuguesa*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2009.

ou bens culturais. Aliás, o desenvolvimento do movimento associativo não é prerrogativa da colônia portuguesa, já que muitas sociedades, especialmente literárias, são então fundadas e animam a vida literária no Brasil.⁶

No Rio de Janeiro, essas associações portuguesas dão auxílio a seus membros que, às vezes, enfrentam situações pessoais difíceis, e algumas delas até otram para melhorar as representações pouco amenas dos portugueses na capital. Pois o crescimento da imigração portuguesa contribui para manter um clima de lusofobia persistente desde a independência do Brasil em 1822.⁷ No final da década de 1850, tanto os parlamentares quanto a imprensa se mostram pouco entusiasmados com o crescimento da imigração portuguesa, preferindo migrantes vindo do centro e do norte da Europa.⁸ Entretanto, essas reações frias e até mesmo hostis, recorrentes durante o Segundo Reinado (1840-1889), não resultam apenas das tensões próprias ao mercado de trabalho e à economia portuária, e as dimensões políticas e simbólicas são aqui essenciais, como veremos adiante.

Já em 1837, 43 comerciantes portugueses decidem fundar uma biblioteca no intuito de permitir aos membros da sociedade se instruírem e de promover as ciências e as letras portuguesas: é o ato fundador do Gabinete Português de Leitura. Em seguida, outras associações culturais portuguesas são fundadas por iniciativa de caixeiros preocupados em se formar, participar da vida cultural do Rio de Janeiro e cultivar o legado da antiga potência colonial na capital imperial. Assim, elas reivindicam também a sua solidariedade política com a monarquia liberal portuguesa, que entrou, desde 1851, em uma fase de estabilização política e de modernização que rompe com décadas de conflitos armados e de guerra civil. O Grêmio Literário Português no Rio de Janeiro é fundado em 1855, quando a revista literária *A Saudade* é apresentada como seu órgão de imprensa.⁹ Essa associação desaparece em meados da década de 1860, quando se impõe no espaço público um novo círculo, o Retiro Literário Português no Rio de Janeiro, fundado em 1859. Diferentemente do Gabinete Português de Leitura,¹⁰ essas novas associações nutrem ambições mais propriamente literárias, como testemunhado por sua política editorial, apesar dos transtornos e das decepções. A *Revista do Retiro Literário Português* (1882-1885) é, quase 30 anos após *A Saudade*, a última manifestação de uma vontade de tornar visível no espaço público carioca, pela mediação de uma publicação idônea, a vitalidade desses círculos de sociabilidade.

⁶ Ver, em particular: MACHADO, Ubiratan. *A vida literária no Brasil durante o romantismo*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.

⁷ RIBEIRO, Gladys Sabina. *A liberdade em construção*. Identidade nacional e conflitos antilusitanos no Primeiro Reinado. Rio de Janeiro: Faperj/Relume Dumará, 2002.

⁸ CERVO, Amado Luiz; MAGALHÃES, José Calvet de. *Depois das caravelas: as relações entre Portugal e Brasil, 1808-2000*. op. cit. p. 155-156.

⁹ *A Saudade: publicação litteraria e instructiva*. Rio de Janeiro: Typ de F. A. de Almeida, 1855-1857.

¹⁰ Em seus estatutos, o Gabinete Português de Leitura se compromete a trabalhar na publicação de livros raros ou de grandes clássicos da literatura portuguesa, como acontecerá com *Os Lusíadas* em 1880. Entretanto, essa atividade editorial permanece muito episódica, e o Grêmio Literário Português e o Retiro Literário Português nutrem nesta área maiores ambições.

A história, em muitos aspectos caótica, dessas duas associações é até hoje bastante desconhecida. Por certo, a história da presença estrangeira no Rio de Janeiro como, mais amplamente, no Brasil do século XIX, foi objeto de numerosos trabalhos ao longo dos últimos anos. A “colônia portuguesa” foi assunto de muitas pesquisas, permitindo sublinhar a importância do movimento associativo cujo tecido se densifica e complexifica nas últimas décadas do século.¹¹ Em particular, os gabinetes de leitura foram objeto de estudos que mostram a expansão das sociabilidades culturais portuguesas no imenso Império e, posteriormente, na República do Brasil.¹² No entanto, o Grêmio Literário Português e o Retiro Literário Português parecem ter escapado a esta renovação historiográfica, e este artigo tem por ambição dar um primeiro esclarecimento sobre a história dessas duas sociedades há muito tempo desaparecidas.

Para isso, nossa análise é primeiramente baseada na leitura dos poucos periódicos publicados por essas duas sociedades, desde a publicação da primeira série de *A Saudade*, em 1855, até a *Revista do Retiro Literário Português*, que deixou de ser publicada em 1885. Esses periódicos, conservados na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, fornecem preciosos indícios para apreciar a história movimentada dessas duas associações. Procuramos dar atenção às origens e trajetórias sociais de alguns dos principais contribuidores e animadores dessas sociedades e das revistas a elas associadas, mesmo o empreendimento se revelando às vezes difícil, por falta de informações biográficas suficientemente precisas. Convém então precisar que este artigo não tem, de forma alguma, a pretensão de esgotar o material contido nessas diversas publicações. Optamos por privilegiar uma abordagem externalista da história dessas revistas, a fim de traçar as principais inflexões da história dessas duas sociedades literárias. Em suma, este artigo se propõe a pôr em perspectiva as ambições e as ações públicas dos membros dessas duas sociedades no contexto luso-brasileiro da formação da “colônia portuguesa” no Rio de Janeiro, do desenvolvimento da vida literária e cultural na capital imperial em uma época de formação das *Letras Pátrias*,¹³ e, finalmente, das circulações culturais no espaço transatlântico.

¹¹ Ver, em particular: CERVO, Amado Luiz; MAGALHÃES, José Calvet de. *Depois das caravelas: as relações entre Portugal e Brasil, 1808-2000*, op. cit.; MELO, Victor Andrade de; PERES, Fabio de Faria. Associativismo e política no Rio de Janeiro do Segundo Império: o Clube Ginástico Português e o Congresso Ginástico Português. *Topoi*, Rio de Janeiro, v. 15, n. 28, p. 242-265, jan./jun. 2014; CORRÊA DA SILVA, Isabel. *Espelho fraterno. O Brasil e o republicanismo português na transição para o século XX*. Lisboa: Divina Comédia, 2013, Capítulo IV; CARVALHO, Marcos Antônio de. *Bebendo açai, comendo bacalhau: Perfil e práticas da sociabilidade lusa em Belém do Pará entre finais do século XIX e início do século XX*. Tese (Doutorado em história) — Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto, 2011.

¹² Lembremos que muitos gabinetes de leitura são fundados no Brasil no seio da colônia portuguesa: no Recife, em 1850, na Bahia em 1859 ou em Belém em 1867.

¹³ Ver, a respeito: ROZEAUX, Sébastien. *La genèse d'un "grand monument national": littérature et milieu littéraire au Brésil à l'époque impériale (1822-c.1880)*. Tese (Doutorado em história contemporânea) — Université de Lille III, Lille, 2012, 2 v. ROWLAND, Robert. A cultura brasileira e os portugueses. In: BASTOS, Cristiane; ALMEIDA, Miguel Vale de; FELDMAN-BIANCO, Bela (Org.). *Trânsitos coloniais: diálogos críticos luso-brasileiros*. Campinas: Editora Unicamp, 2007, p. 363-373.

O movimento associativo e a formação da “colônia portuguesa” no Rio de Janeiro

A criação de gabinetes de leitura, de sociedades literárias e/ou de educação na colônia portuguesa do Rio de Janeiro atende a uma dupla expectativa. Trata-se de disponibilizar aos imigrantes portugueses, na maioria muito jovens e sem muita instrução, lugares onde eles possam aprender, acessar livros e periódicos portugueses e brasileiros, numa época em que o impresso ainda é um bem raro e caro.¹⁴ Melhorar o nível de instrução e estimular a curiosidade intelectual dos membros da “colônia portuguesa” contribuem para facilitar a ascensão e o reconhecimento sociais desses caixeiros que vieram ao Brasil encontrar fortuna, em um contexto no qual o clima de lusofobia¹⁵ é mantido pelas tensões recorrentes no mercado de trabalho e pela imagem muitas vezes miseranda de muitos emigrantes portugueses, como expressa, preocupado, em 1859, o Conde de Thomar, então responsável da legação de Portugal no Rio de Janeiro:

Apresentam-se diariamente á porta da legação de Sua Magestade um grande numero de portugueses infelizes, pedindo uns esmola, outros passagem para Portugal e alguns mesmo para Angola. [...]

Não me atrevo a propor meio nenhum ao governo de Sua Magestade, mas reclamo uma providencia para fazer desaparecer dos olhos do publico este estado lamentoso, principalmente em um paiz que por ter sido nossa colonia, não deve presenciar tão grandes miserias e desgraças.¹⁶

Tal comentário revela a dimensão também simbólica da fundação de associações literárias portuguesas, uma vez que elas desejam obrar para uma melhor consideração de Portugal e pacificar as relações luso-brasileiras pela defesa e ilustração dos laços confraternais que unem culturalmente as duas nações.

Alguns artigos publicados nas colunas de *A Saudade* esclarecem as origens do Grêmio Literário Português. Em 1856, uma homenagem é prestada a Bernardino Pinheiro, o fundador da revista, que se prepara para regressar a Portugal depois de ficar alguns anos na capital imperial.¹⁷ Aprendemos então que existia, no início dos anos 1850, uma obscura *Sociedade Luso e Instructiva* da qual Bernardino Pinheiro é membro. Este propõe em 1855 renomear esse círculo para *Grêmio Literário Português*, “a fim de melhor divulgar a pequena sociedade”,

¹⁴ Por mais informações, ver: HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil*. Sua história. 3. ed. São Paulo: EdUSP, 2012.

¹⁵ Cf. RAMOS MENDES, José Sacchetta. *Laços de sangue*. Privilégios e intolerância à imigração portuguesa no Brasil (1822-1945). Porto: Fronteira do Caos/CEPESE, 2010.

¹⁶ Citado em: PEREIRA, Miriam Halpern. *A política portuguesa de emigração (1850-1930)*, op. cit., p. 151.

¹⁷ Bernardino Pereira Pinheiro nasceu em Coimbra em 1837. Ele inicia estudos de comércio em Lisboa antes de ir ao Rio de Janeiro. Em seu retorno a Portugal, ele estuda direito, segue uma carreira de funcionário público em Lisboa, trabalhando ao mesmo tempo na publicação de ensaios e artigos na imprensa local.

e associar-lhe uma revista semanal dedicada a ser “o representante da nova guilda”.¹⁸ Não é a única razão para essa re/fundação, estreitamente relacionada com a “crise aguda” que atravessa o Gabinete Português de Leitura no final da década de 1850, quando a concorrência de novas associações portuguesas leva a uma diminuição preocupante de seu efetivo.¹⁹ Essas saídas, beneficiando notadamente o Grêmio, são, segundo Barros Martins, devidas a um conflito de gerações que teria oposto os fundadores do gabinete de leitura a seus membros mais jovens: “as sucessivas emigrações de Portugal desde 1842, haviam trazido para o Rio de Janeiro moços com applicação á nova litteratura, que desejavam a reforma das collecções da Bibliotheca e mais alargamento do circulo de influencias que até então haviam gerido a instituição”.²⁰

A existência do Grêmio Literário Português, durante uns dez anos, está intimamente ligada às divergências internas na principal associação cultural portuguesa, o Gabinete Português de Leitura. Entre os dissidentes que fundaram o Grêmio, Barros Martins cita, em particular, Fernando Joaquim Pereira Castiço (1836-?), Ernesto Pego de Kruger Cibrão (1836 -?),²¹ Constantino Joaquim de Azevedo Lemos,²² Joaquim da Costa Ramalho d’Ortigão (1842-1889), Francisco Ramos Paz (1838-1919) e Antonio Xavier Rodrigues Pinto (?). Encontram-se entre eles os principais redatores de *A Saudade*, jovens homens portugueses que receberam um certo nível de instrução em Portugal antes de partir para o Rio de Janeiro, onde a maior parte trabalha no comércio. Esse recrutamento se situa no contexto mais amplo de uma emigração portuguesa que, diferentemente das posteriores ondas do final do século, conta ainda no seu seio muitos jovens com um certo capital social, cultural e financeiro a sua disposição.²³ A referência à “nova literatura” reflete, aliás, o desenvolvimento da escola romântica em Portugal, com a qual a nova geração se familiarizou antes de partir para o Brasil. Como prova, a considerável reverência do Grêmio e, posteriormente, do Retiro aos pais da reforma literária em Portugal, Almeida Garrett e Alexandre Herculano.²⁴ Essa nova geração inscreve sua ação pública em conformidade com o liberalismo político que se impõe em Portugal com a Regeneração, liberalismo acompanhado, ao nível cultural, por um voluntarismo modernizador susceptível de acelerar o desenvolvimento e a consagração da cultura nacional.²⁵

¹⁸ LEMOS, Constantino J. d’Azevedo. Ao meu amigo Bernardino Pinheiro. *A Saudade*, Rio de Janeiro, 1856, v. 1, p. 209.

¹⁹ MARTINS, A. A. de Barros. *Esboço historico do Real Gabinete Português de Leitura no Rio de Janeiro, 1837 a 1912*. Rio de Janeiro: Typ. do Jornal do Commercio, 1913, p. 15.

²⁰ Ibidem.

²¹ Ernesto Pego de Kruger Cibrão parte para o Brasil em 1858, com 22 anos de idade, onde leva simultaneamente uma carreira comercial e literária. Personalidade ativa das sociedades literárias portuguesas, é então empregado em uma companhia de seguros especializada no transporte comercial.

²² Este também será, em 1859, um dos fundadores do Retiro Literário Português.

²³ ALVES, Jorge Fernandes. *Os brasileiros, emigração e retorno no porto Oitocentista*, op. cit.

²⁴ Ver a seguir para mais detalhes.

²⁵ SOUSA, Paulo Silveira e. A Cultura. In: ALMEIDA, Pedro Tavares de (Org.). *História contemporânea de Portugal*. A construção nacional, 1834-1890. Madri/Carnaxide: Fundación Mapfre/Ed. Objectiva, 2013, p. 201-234.

O Grêmio fundou uma biblioteca, mas este novo círculo se distingue do mais antigo por promover novas atividades, oferecendo instrução a seus membros e a publicação de uma revista susceptível de aumentar a audiência e a reputação da jovem sociedade.²⁶ No entanto, a diminuição do efetivo do Gabinete Português de Leitura se revela de curta duração. Barros Martins evoca aqueles “jovens que em 1860 acudiram das fileiras do *Grêmio Literário Português* a sustentar a instituição mãe do progresso portuguez na America” e dos quais a chegada ou o retorno propicia o restabelecimento do equilíbrio financeiro da associação, graças às cotizações de seus membros, cujo número chega perto de 1.800 no final da década de 1860.²⁷ Esta prosperidade reencontrada convence a diretoria do Gabinete Português de Leitura de lançar um pedido de doações aos comerciantes portugueses que fazem fortuna no Brasil, com o objetivo de comprar um terreno para nele construir uma nova biblioteca, cuja primeira pedra será colocada em 1880.

A coabitação entre associações culturais cujas atividades se sobrepõem em parte é determinante para esclarecer a história do movimento associativo cultural português no Rio de Janeiro. O renascimento do Gabinete Português de Leitura e a fundação em 1859 do Retiro Literário Português foram golpes fatais para o Grêmio, tendo muitas dificuldades para resistir a essa nova concorrência de um círculo com ambições totalmente idênticas,²⁸ como confirmam os estatutos do Retiro que precisam os três objetivos principais.²⁹ O primeiro, o mais original, é atuar para a promoção e a edição da “literatura pátria”, reimprimindo grandes autores da literatura portuguesa e publicando obras de novos talentos das letras portuguesas. Os outros dois objetivos retomam características próprias de uma ou de outra das duas sociedades culturais já presentes no Rio de Janeiro, a organização de aulas e a fundação de uma biblioteca com obras clássicas e contemporâneas da literatura portuguesa.

A derrelição do Grêmio se deve também aos determinantes estruturais da colônia portuguesa: muitos desses jovens emigrantes seguem trajetórias sociais e profissionais erráticas, eles são confrontados aos riscos sanitários e à miséria. Precipitados ou não, os retornos a Portugal são muitos, dentre os quais figura grupo bem menor daqueles que fizeram fortuna e que serão chamados de “brasileiros” na sua volta a Portugal.³⁰ Finalmente, devem ser também consideradas a dureza do labor cotidiano e as rivalidades internas que afetam a vida

²⁶ *Estatutos do Gremio litterario portuguez no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Typ. de F. A. de Almeida, 1858.

²⁷ MARTINS, A. A. de Barros. *Esboço historico do Real Gabinete Português de Leitura...*, op. cit., p. 19.

²⁸ Qualquer referência à associação desaparece, por exemplo, no *Almanak* dos irmãos Laemmert a partir de 1865 (*Almanak administrativo, mercantil e industrial da Corte e Provincia do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Eduardo & Henrique Laemmert, 1844-1940).

²⁹ *Collecção das leis do Império do Brasil de 1861*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1862, p. 498-504.

³⁰ Ver, por exemplo: MACHADO, Igor José de Renó. O “brasileiro de torna-viagens” e o lugar do Brasil em Portugal. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, n. 35, p. 47-67, jan./jun. 2005. ROCHA-TRINDADE, M. Beatriz. Reflexos culturais da emigração portuguesa para o Brasil. *Análise Social*, n. 90, 1986, p. 139-156. CÉSAR, Guilhermino. *O “brasileiro” na ficção portuguesa*. Lisboa: Parceria A. M. Pereira, 1969.

da sociedade: a formação do Retiro por membros dissidentes³¹ do Grêmio Literário Português dificulta a perenização dessa associação com baixo efetivo.³²

As sociabilidades culturais dos caixeiros aumentam, assim, a concorrência entre os círculos culturais. Essa mudança de membros de uma associação para outra envolve, mais amplamente, todas as formas de sociabilidade próprias à colônia portuguesa, enquanto aparecem, nas últimas décadas do século XIX, sociedades novas, instrutivas, desportivas ou mutualistas. A esse respeito, foi ideia de um membro do Grêmio Literário Português, Reinaldo Carlos Montoro, de fundar, em 1863, com o apoio do Gabinete Português de Leitura, uma nova sociedade de beneficência, a *Caixa de socorros D. Pedro V*, homenageando, com o nome, a memória do jovem rei de Portugal, falecido em 1861.³³ Da mesma forma, a fundação, em 1868, do Liceu Literário Português é de responsabilidade de um grupo de antigos membros do Retiro.³⁴

Entre as décadas de 1850 e 1880, a paisagem associativa na colônia portuguesa do Rio de Janeiro abriu novos horizontes, com a aparição de muitas sociedades educacionais, de beneficência ou desportivas. O pequeno mundo das sociedades culturais conheceu também muitas perturbações: as fundações do Grêmio Literário Português e, posteriormente, do Retiro Literário Português sofrem com a concorrência de sociedades mais antigas, como o Gabinete Português de Leitura, ou mais recentes, como o Lyceu Literário Português. Vamos agora entrar em detalhes a respeito da história movimentada desses círculos literários, apoiando-nos em uma análise sócio-histórica das publicações que eles promoveram entre 1855 e 1885.

Os numerosos reveses de uma ambiciosa política editorial

A escolha deliberada de editar uma publicação se inscreve no contexto de uma vida literária que encontra no periódico, tanto na Europa quanto no Brasil, o meio idôneo para divulgar seus trabalhos a um público mais largo.³⁵ O caráter mais ou menos efêmero do

³¹ Podemos lamentar a ausência de informações precisas nas fontes sobre as razões de tal dissidência.

³² Em *A Saudade*, o número de membros efetivos do Grêmio Literário Português varia surpreendentemente entre 6 (!) e 90. Em abril de 1860, o Retiro Literário Português declara 114 membros efetivos (*A Messe: periodico da Sociedade Retiro Littératio Portuguez*. Rio de Janeiro: Typ. de N. Lobo Vianna & Filhos, 1860, n. 10, p. 3).

³³ MARTINS, A. A. de Barros. *Esboço historico do Real Gabinete Português de Leitura...*, op. cit., p. 17.

³⁴ O Lyceu oferecia aulas de educação popular para os níveis primário e secundário. No inverno de 1884, sua nova sede foi inaugurada na presença do imperador d. Pedro II (*Lyceu Literário Português. 100 anos de vida a serviço do ensino e da cultura. 1868-1968*. Rio de Janeiro: s.n., 1968.)

³⁵ Cf. LOPES, Hélio. *A divisão das águas: contribuição ao estudo das revistas românticas Minerva Brasiliense (1843-1845) e Guanabara (1849-1856)*. São Paulo: Conselho Estadual de Artes e Ciências Humanas, 1978; ROZEAUX, Sébastien. *La revue Minerva Brasiliense (1843-1845) et la fondation des Letras Pátrias au Brésil. Revue d'Histoire du XIX^e Siècle*, Paris, n. 50, p. 181-197, 2015/1.

conjunto dos títulos publicados entre 1855 e 1885 demonstra sua fragilidade estrutural, e resulta tanto da história caótica dessas duas associações quanto da dificuldade de manter revistas propriamente literárias na paisagem midiática carioca. Vale lembrar aqui que somente a revista trimestral do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro é publicada de forma contínua na época imperial, por beneficiar da generosidade do Estado e do apoio do imperador d. Pedro II.

Já em 1847, uma revista dominical, *Lísia Poética* (1847-1849), é fundada no Rio de Janeiro para promover as letras portuguesas.³⁶ Entre os poetas publicados estão grandes nomes do romantismo, como Almeida Garrett ou Alexandre Herculano, e jovens talentos, dentre os quais esses “jovens portugueses empregados do comércio atualmente no Rio de Janeiro”.³⁷ Se tal “entusiasmo literário” é saudado por Inocêncio Francisco da Silva, as baixas receitas levaram o editor e redator português José Ferreira Monteiro à falência.³⁸ Alguns anos depois, o Grêmio Literário Português e o Retiro Literário Português ambicionam, de acordo com seus estatutos, publicar um periódico susceptível de levar, para além do estreito círculo dos membros de sua sociedade, a voz da cultura portuguesa no Brasil. Essas publicações atendem a um caderno de encargos original na paisagem midiática brasileira, pois querem promover a literatura portuguesa e contribuir para o desenvolvimento das relações culturais luso-brasileiras, muito tímidas desde 1822.³⁹

Em 1855, o Grêmio Literário Português publica um semanal de oito páginas que sai no domingo, *A Saudade*. A assinatura custa 6.000 réis por ano, ou seja um preço por exemplar modesto, ao alcance de muitos caixeiros portugueses. Em 1856, o Grêmio reivindica mais de 400 assinantes da sua publicação⁴⁰, mas é difícil estimar com precisão a tiragem dessa revista. De qualquer forma, as receitas providas das assinaturas são insuficientes e o déficit aumenta rapidamente, devido aos então muito elevados custos de impressão. Após um ano de publicação, o endividamento junto ao *Grêmio* e alguns de seus membros mais abastados é a única solução encontrada para prolongar a aventura editorial. A ausência de um número regular de leitores e a dificuldade para recrutar uma quantidade suficiente de redatores puseram rapidamente fim a essa primeira experiência, no início do ano de 1857. Em 1860, o Retiro Literário Português lança, por sua vez, uma revista quinzenal intitulada *A Messe*. Cada

³⁶ *Lísia Poética, Coleção de Poesias Modernas d'Auctores Portuguezes*. Rio de Janeiro: Typ. Clássica de José Ferreira Monteiro, 1848-1849. Observa-se que os irmãos Joaquim e Manuel da Silva Mello Guimarães publicaram sob o mesmo título uma antologia de poesias portuguesas alguns anos depois: *LYSIA POÉTICA, ou collecção de poesias modernas de auctores portuguezes, publicada por uma Associação*. Rio de Janeiro: Typ. Commercial de F. O. Q. Regadas, 1857.

³⁷ *Ibidem*, 1848, p. III.

³⁸ SILVA, Inocêncio Francisco da. *Diccionario bibliographico portuguez*. Estudos de Innocencio Francisco da Silva applicaveis a Portugal e ao Brasil. Lisboa: Imprensa Nacional, 1860, v. 5, p. 340.

³⁹ Tal ambição é ligeiramente facilitada pelo crescimento das importações literárias de Portugal e o aumento concomitante da contrafação, que provoca a ira repetida de numerosos literatos portugueses ao longo da segunda metade do século XIX.

⁴⁰ Relatório do Gremio litterario portuguez. *A Saudade*, op. cit., v. 2, p. 121, 1856.

número contém oito páginas, divididas em duas partes. A primeira apresenta artigos e obras em prosa, e a segunda é dedicada à poesia. Com leiaute bastante rudimentar, essa revista tem como objetivo promover o patrimônio literário português, clássico e contemporâneo, e defende o desenvolvimento de circulações literárias no espaço luso-brasileiro, assim como *A Saudade* pretendia alguns anos mais cedo.

Os artigos publicados em cada uma dessas duas revistas refletem esse compromisso. A dimensão patriótica é onipresente: se a escolha do título *A Saudade* ecoa explicitamente a nostalgia da pátria-mãe,⁴¹ a expressão poética da saudade está impregnada em quase todos os números dessas revistas. A saudade do país, da família ou do ente querido não é a única expressão do patriotismo, longe disso. Este é atado a um apego aos valores católicos e com a instituição monarquista que seriam os garantes de um futuro renascimento nacional. Assim, na ocasião da maioridade de d. Pedro V, em 1855, os redatores de *A Saudade* se assemelham a profetas quando preveem que o reinado do novo rei anuncia o futuro brilhante de uma nação que “avança a passos de gigante na órbita da civilização”.⁴² Tal dinâmica progressista demonstra empatia por parte dos jovens emigrantes para a estabilização política inaugurada pela Regeneração, em 1851, e para a política de modernização acelerada do país que promove.

A dimensão patriótica dessas duas revistas se soma à vontade de levantar a bandeira do espírito luso-brasileiro no Rio de Janeiro.⁴³ Em 1860, os redatores da revista *A Messe* reivindicam claramente essa ambição: “redigir uma folha na presente época, e perante duas nações Brazil e Portugal, na America e na Europa, é na verdade uma temeridade mui grande, mas é esta grandeza que nos attrahe.”⁴⁴ O elogio fraternal dos “progressos” do novo império é a oportunidade de lembrar as virtudes do legado português no Brasil; uma opinião deslocada em relação ao discurso dominante da História Pátria produzido no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.⁴⁵ Para esses principiantes das letras que são os redatores de *A Saudade* e *A Messe*, tal fraternidade justifica as chamadas em direção aos escritores brasileiros para eles enriquecerem, com suas contribuições, as colunas de suas revistas.

Pouco antes do lançamento do primeiro número, os redatores de *A Saudade* publicaram nos três principais diários do Rio de Janeiro uma mensagem solicitando homens de letras cuja obra encarna, na década de 1850, o desenvolvimento das *Letras Pátrias* no Brasil, e dos quais algumas revistas como *Guanabara* (1849-1856) e a *Revista Brasileira* (1857-1861) encarnam a vitalidade.⁴⁶ Todavia, os apelos, muitas vezes reiterados, permaneceram sem

⁴¹ *A Saudade*, op. cit., v. 1, p. 1, 1855.

⁴² A sumptuosa inauguração do reinado do Sr. D. Pedro V. *A Saudade*, op. cit., v. 1, p. 134, 1855.

⁴³ Essa dimensão essencial nesses dois periódicos mereceria ser comparada com a popularidade das revistas luso-brasileiras publicadas em Portugal na segunda metade do século XIX — um tema atualmente de interesse do autor deste artigo.

⁴⁴ *A Messe*, op. cit., v. 1, p. 1, 1860.

⁴⁵ GUIMARÃES, Manuel Luís Salgado. Nação e civilização nos trópicos: o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o projeto de uma história nacional. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, n. 1, p. 5-27, 1988.

⁴⁶ Ver, por exemplo: *A Saudade*. *Diário do Rio de Janeiro*, p. 2, 13 de julho de 1855.

resposta: a leitura da revista expõe as frustrações de uma equipe de redação que, na falta de opção, se rende à confidencialidade de uma revista que tem dificuldade para seduzir fora do círculo dos caixeiros da colônia portuguesa. A censura das “capacidades literárias” é, inclusive, identificada como uma das razões do fracasso de *A Saudade* em 1857.⁴⁷ Tal recusa de cooperação reflete a difícil integração desses caixeiros no pequeno mundo das letras da capital, o qual se mostra pouco inclinado a exaltar os laços com a antiga metrópole colonial na hora de fundar uma literatura nacional, *id est* autônoma.⁴⁸ Essa falta de consideração justifica, em resposta, os artigos escritos em defesa da honra e probidade da “*classe caixeiral*”.⁴⁹ Para isso, os redatores usam *topoi* característicos do éthos romântico do poeta maldito: a dimensão trágica do seu destino, a dificuldade em encontrar tempo para escrever e o sofrimento diante da falta de reconhecimento público, apesar dos sacrifícios feitos. De fato, a consulta da imprensa diária do Rio de Janeiro confirma a falta de um eco significativo dessas publicações no espaço público,⁵⁰ e quando o *Diário do Rio de Janeiro* menciona brevemente a publicação de *A Saudade*, a notícia é estampada na capa do próximo número da revista.⁵¹ Pior do que a indiferença, as duas revistas evocam em suas colunas a “zombaria” da qual teriam sido vítimas na imprensa.⁵²

Entendemos então por que a maioria de seus colaboradores, regulares ou ocasionais, não marcaram a história literária; e a grande maioria dos trabalhos publicados em fascículos não foram editados em volume.⁵³ Portanto, sem surpresa, a dimensão “lusu-brasileira” anunciada na fundação da revista *A Saudade* nunca pôde ser colocada em prática. Tanto em 1855 quanto em 1860, a marginalidade dos caixeiros na sociedade carioca e o ambiente pouco ameno para os portugueses precipitam a interrupção das atividades dessas duas revistas, depois de alguns meses de existência.⁵⁴

Esses primeiros reveses não põem fim a toda ambição editorial. Melhor ainda, tal insucesso é previsto no artigo 2 dos estatutos do *Retiro*: “Se por ventura fôr julgado mais conve-

⁴⁷ Aos Assignantes da Saudade, *A Saudade*, op. cit., v. 3, p. 188, 1857.

⁴⁸ ROZEAUX, Sébastien. Réceptions croisées du *Cancioneiro alegre de poetas portugueses e brasileiros* (1879) de Camilo Castelo Branco: la formation d’un espace littéraire luso-brésilien sous tension. *Amnis. Revue de Civilisation Contemporaine Europes/Amériques*, Marseille, n. 14, 2015. DOI: 10.4000/amnis.2550

⁴⁹ Por exemplo: LUSITANO. Commercio e prosperidade. *A Saudade*, op. cit., v. 1, p. 93, 1855.

⁵⁰ Eu me apoio aqui em uma pesquisa feita a partir dos fundos digitalizados da Hemeroteca da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.

⁵¹ *A Saudade*, op. cit., v. 2, p. 129, 1856.

⁵² Cf. Aos nossos assignantes. *Saudade*, op. cit., v. 1, p. 211-212, 1856; *A Messe*, op. cit., v. I, p. 1, 1860.

⁵³ Constatamos que a maioria desses colaboradores não tiveram espaço no *Dicionário bibliográfico português* de Inocêncio Francisco da Silva, que, todavia, sempre tratou com muita consideração os homens de letras portugueses do ultramar. Ver, para mais informações: ROZEAUX, Sébastien. Les fondations fragiles d’un espace littéraire transatlantique. *Cultura. Revista de História e Teoria das Ideias*, Lisboa, v. 34, p. 197-221, 2015.

⁵⁴ Se a segunda série de *A Saudade*, publicada entre abril de 1861 e março de 1862, se prevalece de algumas colaborações mais ilustres, como a de Faustino Xavier de Novais, a maioria dos redatores permanecem às margens do meio literário carioca e a revista para antes de completar um ano de publicação.

niente cessar a publicação do periodico, dar-se-há á luz annual ou semestralmente um livro intitulado o *Archivo do Retiro Literário Português no Rio de Janeiro*, collaborado unicamente pelos socios effectivos, honorarios e correspondentes”.⁵⁵ Se a publicação de um *Album do Gremio Litterario Portuguez* (1858) ocorre logo após a suspensão da publicação de *A Saudade*, em 1857, é preciso esperar dez anos para que, após a interrupção de *A Messe* (1860), o dito *Archivo...* seja finalmente publicado. Em ambos os casos, a escolha de uma publicação anual redigida somente pelos membros marca uma inflexão na política editorial dessas duas sociedades. É uma resposta à indiferença dos homens de letras brasileiros; além disso, a escolha de uma publicação anual é propícia a um melhor trabalho de seleção e edição dos textos. A esse respeito, é preciso ressaltar a qualidade editorial desses dois volumes também destinados aos leitores de Portugal.⁵⁶ O *Album do Gremio Litterario Portuguez* é dedicado a Alexandre Herculano, que tem a honra, tanto quanto Almeida Garrett, de uma estampa, e o dedicador solicita o apoio dos literatos e letrados portugueses.⁵⁷

O gênero de álbum, notavelmente em voga no século XIX, dá destaque a composições poéticas dos autores já presentes nas colunas de *A Saudade*, como Xavier Pinto, Francisco Gonçalves Braga,⁵⁸ Reinaldo Carlos Montoro ou Faustino Xavier de Novais. Se a poesia elegante e a inspiração de *A Saudade* aí encontram, ainda, uma vitrine notável para sua expansão, outras contribuições prosseguem com a glorificação conjunta de Portugal e do Brasil, unidos por laços fraternos. Em um artigo intitulado “A Roma do Atlântico. Duas nações e uma só missão”, Reinaldo Carlos Montoro faz do Brasil o novo arauto da civilização portuguesa:

Mas, se o povo [português] que herdou o nome d’este grande centro de acção, se perde hoje em uma carta da Europa; se os historiadores estranhos o confinam entre as nullidades da civilização, e esquecem que jamais um braço tão pequeno traçou circulo mais vasto, outra nação, que falla a sua lingua, que conserva as suas tradições moraes, que acalenta o espirito com o mesmo fulgor de imaginação, se ergue na outra margem do Atlântico, e se prepara para ultimar a epopêa, que a raça portugueza deve deixar na memória dos homens, antes de confundir-se na grande família social, que será o remate da actividade assimiladora da civilização.⁵⁹

⁵⁵ *Collecção das leis do Império do Brasil de 1861*, op. cit., 1862, p. 498.

⁵⁶ O *Album do Grêmio Litterario Portuguez* foi editado pela casa Teixeira e Cia, efêmera gráfica fundada e dirigida por Antônio Gonçalves Teixeira e Sousa. Quanto ao *Archivo*, é impresso pela Typographia do Pinheiro, considerada por Laurence Hallewell um estabelecimento menor na paisagem editorial da capital imperial (HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil: sua historia*, op. cit., p. 239).

⁵⁷ *Album do Gremio litterario portuguez no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Typ. De Teixeira e Cia, 1858. p. 6.

⁵⁸ Nascido em Braga em 1836, Francisco Gonçalves Braga parte para o Brasil em 1847 e muda-se em 1854 para o Rio de Janeiro, onde exerce o ofício de caixeiro. Ele é eleito presidente do Grêmio Literário Português em 1858 e falece prematuramente em 1860.

⁵⁹ *Ibidem*, p. 192-193.

A reiteração dessa esperança, além de ser inscrita na vontade de manter vivo o “espírito luso-brasileiro” no Rio de Janeiro, sela, mais uma vez, o pacto de solidariedade com a pátria-mãe. Uma década depois, no *Arquivo...*, obra também do gênero de álbum, a escolha da aliança luso-brasileira justifica a condenação explícita do iberismo, então em voga entre alguns intelectuais em Portugal.⁶⁰ Dois autores denunciam a ilusão de uma reaproximação entre as duas monarquias ibéricas, uma união que eles analisam como a rendição anunciada de Portugal ao seu inimigo de sempre.⁶¹

Tal mudança na política editorial não parece ter produzido resultados suficientes, se tratando em ambos os casos de empreendimentos sem futuro. Todavia, é preciso enfatizar que o *Arquivo...*, publicado em 1870, desperta a atenção da imprensa carioca. O relatório publicado no *Diário do Rio de Janeiro* expressa a qualidade das contribuições:

É o resultado das lucubrações de moços, que, a despeito dos trabalhos inerentes às ocupações a que se entregam, consagram comtudo algumas horas ao cultivo da intelligencia, ao estudo das bellas lettras. Felicitamol-os, por taes commettimentos, e esperando novas producções, longa e prospera vida desejamos à utilissima associação que conseguiram organizar.⁶²

A recepção entusiástica do *Arquivo...*, após dez anos de silêncio editorial, sinaliza a renovação desse círculo literário que viveu anos conturbados durante a década de 1860, enquanto o *Gabinete Português de Leitura* conhecia uma fase de expansão notável. A explicação se encontra principalmente na dificuldade em fazer o coletivo viver e animar-se. A imprensa diária carioca registra essas tensões internas, quando alguns membros, sob anonimato, não hesitam em zombar da “inconsistência” do trabalho e da falta de investimento pessoal de seus colegas: “aulas, cursos, jornal, tudo desaparecêra ante o indiferentismo de uns e o esquecimento de outros.”⁶³ A denúncia dos supostos desvios da diretoria alimenta uma crise latente, da qual as colunas do *Diário do Rio de Janeiro* e do *Correio Mercantil* guardam o registro em 1865 e, novamente, no início do ano de 1868: “Seja isso devido á indiferencia da maioria dos socios, ou á cabala dos mais vaidosos, quasi sempre pouco habilitados, o que é certo é que os logares da directoria são quasi sempre pessimamente preenchidos!”⁶⁴

⁶⁰ Entre 1868 e 1870, cerca de 45 publicações sobre este assunto podem ser contabilizadas na Península Ibérica. No entanto, essa onda não consegue o apoio da opinião pública que, em Portugal, continua ligada à independência do país (JERONIMO, Miguel Bandeira. Portugal no mundo. In: ALMEIDA, Pedro Tavares de (Org.). *História contemporânea de Portugal*. A construção nacional, 1834-1890, op. cit., p. 105).

⁶¹ MUNIZ, Patricio. A União ibérica. *Arquivo do Retiro Litterario Portuguez do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Typ. de Pinheiro & C^{ia}, 1870, p. 32-67. GOUVÊA, F. de P. Santos. Brado patriótico. *Arquivo do Retiro Litterario Portuguez*, op. cit., p. 177-179.

⁶² *Diário do Rio de Janeiro*, p. 2, 22/08/1872.

⁶³ *Arquivo do Retiro Litterario Portuguez*, op. cit., p. III.

⁶⁴ Retiro litterario portuguez. *Correio Mercantil*, 8 de janeiro de 1868, p. 3-4.

Essa sucessão de crises não permite perenizar as diversas publicações mencionadas acima – apesar dos ajustes da política editorial –, e mostra a porosidade e as rivalidades que existem dentro e entre associações que têm objetivos parecidos ou até mesmo idênticos.

A diversificação das vias de inserção nas sociabilidades culturais da capital imperial

Na impossibilidade de poder suportar sozinhos a responsabilidade financeira e editorial de uma publicação, seja esta semanal ou anual, o Grêmio Literário Português e, sobretudo, o Retiro Literário Português demonstram, na década de 1860, uma solidariedade maior em relação às outras associações portuguesas da capital imperial, a fim de melhor se inserir na vida cultural local.

Os anúncios publicados regularmente na imprensa diária carioca ao longo dos anos 1860-1880 mostram, apesar das crises mencionadas acima, a regularidade dos trabalhos do Retiro Literário Português, as reuniões semanais permitindo aos membros se encontrar para conversar sobre a vida interna e sobre assuntos de reflexão de natureza histórica, filosófica, econômica e literária. Além disso, a oferta de formação para os membros amplia-se e estrutura-se: as aulas de escrita comercial, geografia e história são complementadas por aulas de língua portuguesa, francesa e inglesa — o que permite exceler na arte do comércio em que o domínio das línguas e dos números é uma preciosa vantagem. Paralelamente, o Retiro Literário Português expande sua rede de sociabilidade. É notável o quanto, a partir da década de 1860, essa sociedade literária soube se posicionar na paisagem cultural da capital brasileira, fato evidenciado pelos recorrentes convites para um ou mais dos seus representantes participarem das sessões solenes da *Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional*,⁶⁵ da *Sociedade Amante da Instrução*, da *Sociedade Ensaios Litterarios do Rio de Janeiro*⁶⁶ ou ainda do *Instituto dos bachareis em letras* do Rio de Janeiro.⁶⁷ Esses rituais associativos fazem do Retiro a “sociedade portuguesa” melhor inserida na vida cultural carioca, considerando a dimensão “literária” de seus trabalhos.

Em 1861, o Gabinete Português de Leitura disponibiliza a sua sede para realizar a segunda sessão solene do Retiro, na presença de representantes da maioria das sociedades literárias e acadêmicas da capital — um evento divulgado pelo *Diário do Rio de Janeiro*.⁶⁸ Um ano depois, o Retiro organiza uma grande noite literária e artística, para 500 pessoas, sob

⁶⁵ Cf., por exemplo: *O Auxiliador da industria nacional*, n.8, p. 314-315, 1869.

⁶⁶ A fundação desta nova sociedade literária se inscreve na tradição das sociedades acadêmicas de São Paulo e Recife que a precederam. Ela reúne uns 50 jovens talentos que aspiram a encarnar, na década de 1860, uma nova geração de homens de letras cujo lealdade com o Império constitucional é indefectível.

⁶⁷ Para citar somente este último exemplo, ver: *Diário do Rio de Janeiro*, 16 de julho de 1869, p. 1.

⁶⁸ *Ibidem*, 9 de julho de 1861, p. 1.

a presidência do ministro e do cônsul-geral de Portugal. Este sarau, repleto de numerosos discursos, poesias e intermédios musicais, se encerra às quatro horas da manhã. O colunista do *Diário do Rio de Janeiro* elogia os talentos literários das personalidades que participaram, como Augusto Emílio Zaluar, Machado de Assis, Faustino Xavier de Novais ou Reinaldo Carlos Montoro, então diretor do Grêmio Literário português.⁶⁹ Tal sucesso é devido, em parte, à reputação literária e à consagração social de alguns dos jovens fundadores do Retiro, cujo sucesso pessoal prolonga-se, no nível simbólico, com a organização de tais eventos fastuosos que honram o círculo literário e a colônia portuguesa em geral — como mostra a presença de seus mais eminentes representantes. Aliás, é neste contexto luso-brasileiro que são organizados os eventos aos quais o Retiro associa-se ao longo dessa década. Tratando-se de participar à elevação de um monumento em homenagem a Camões, em 1860,⁷⁰ de organizar festividades em comemoração do casamento de d. Luiz I com a princesa de Saboia em 1862⁷¹ ou de entregar diplomas de membros honorários a alguns escritores portugueses como José da Silva Mendes Leal,⁷² as oportunidades não faltam para lembrar o compromisso do Retiro com a monarquia portuguesa e a glória de suas letras.

A expansão da sociabilidade interassociativa acompanha a reconfiguração da política editorial: à confidencialidade de uma revisão autônoma, privilegia-se agora intervenções na imprensa diária e periódica do Rio de Janeiro para levantar a voz de Portugal. Incumbe assim a um membro do Grêmio Literário Português, Faustino Xavier de Novais, que beneficia de uma grande consideração tanto em Portugal quanto no Brasil, fundar uma revista que aspira a exaltar a fraternidade luso-brasileira.⁷³ Independente de qualquer sociedade literária, a revista *O Futuro* (1862-1863) beneficia durante sua breve existência de relações privilegiadas no Grêmio, tecidas por seu diretor, e, especialmente, no pequeno mundo das letras carioca onde ele tem influência. Novais publica em sua revista muitos autores do romantismo português e brasileiro, dentre quais José de Alencar, Quintino Bocaiúva, Joaquim Manuel de Macedo, Henrique César Muzzio ou Francisco Otaviano, mas abre também as colunas da sua revista aos literatos portugueses instalados no Rio de Janeiro, como Reinaldo Carlos Montoro ou Augusto Emílio Zaluar. Lembremos aqui que Faustino Xavier de Novais colaborou com os mais prestigiosos títulos da imprensa carioca, como novelista para o *Jornal*

⁶⁹ Ibidem, 21 de julho de 1862, p. 1.

⁷⁰ *Correio Mercantil*, 5 de dezembro de 1860, p. 2.

⁷¹ Te-Deum. *Correio Mercantil*, 7 de novembro de 1862, p. 2.

⁷² Notícias de Portugal. *Correio Mercantil*, 16 de junho de 1866, p. 1.

⁷³ Note-se que João Dantas de Souza, português que residiu no Brasil entre 1849 e 1862, tentou, alguns anos antes, fazer surgir uma imprensa luso-brasileira. O *Universo Ilustrado, Pittoresco e Monumental* (1858-1859) é uma revista ilustrada de quatro páginas publicada três vezes por mês no Rio de Janeiro. Esta revista é principalmente destinada aos membros da comunidade portuguesa do Rio de Janeiro, mas cultivando as formas da amizade luso-brasileira, uma vez que pretende ser o “novo arauto da literatura luso-brasileira”. Mas, a revista privilegia os autores portugueses e tem dificuldade para ampliar seu público, por falta de dar igual atenção às letras brasileiras.

do Commercio (1858-1859) ou o *Correio Mercantil* (1863-1864).⁷⁴ O elogio fúnebre pronunciado por Reinaldo Carlos Montoro no seu funeral, em 1869, recorda o papel eminente do escritor na colônia portuguesa:

Faustino Xavier de Novaes é para a imigração portuguesa no Brasil mais do que um compatriota illustre; pelo seu talento, pela generosidade do seu coração, pela sublimidade dos seus sentimentos, um dos mais nobres representantes da patria, que tem pisado n’este paiz. Honrando a sua memória, a imigração corôa a sua própria estatua.⁷⁵

Uma subscrição para o primeiro aniversário de sua morte, divulgada pela imprensa, levantou cerca de três contos de réis para construir um mausoléu em sua homenagem no cemitério São João Baptista, no bairro de Botafogo.⁷⁶ Mesmo se Faustino Xavier de Novais não conseguiu impedir a derrelição do Grêmio em meados dos anos 1860, sua reputação, como a de Reinaldo Carlos Montoro ou de Francisco Ramos Paz, contribui para a reaproximação entre os escritores brasileiros e os jovens talentos da colônia portuguesa, que encontram agora no Retiro Literário Português um meio por muito tempo inelutável para seguir uma carreira literária ou, simplesmente, se destacar dentro da colônia portuguesa e da boa sociedade carioca. A consagração do Retiro na esfera pública carioca é inclusive acompanhada por uma diversificação social progressiva de recrutamento, rompendo com a relativa homogeneidade social dos membros fundadores do círculo em 1859.

“A idade de ouro” do Retiro Literário Português (1880-1885): o aumento dos efetivos, a diversificação social do recrutamento e uma política cultural proteiforme

A tendência em diversificar o recrutamento social dos membros do Retiro Literário Português é acentuada ao longo dos anos 1870-1880. A leitura das atas das reuniões semanais, realizadas nas quintas-feiras à noite, reproduzidas em alguns jornais da colônia portuguesa⁷⁷ e na *Revista do Retiro Literário Português*, nos proporciona uma ideia mais precisa das atividades e do recrutamento da associação literária. As estratégias de consagração social no seio das elites da colônia portuguesa reverberam mais amplamente as transformações sociais

⁷⁴ Essas cartas humorísticas são objeto de uma publicação em volume em 1867: NOVAIS, Faustino Xavier. *Cartas de um roceiro*. Rio de Janeiro: Typ. Perseverança, 1867.

⁷⁵ Trecho citado por Inocência Francisco da Silva, *Diccionario...*, op. cit., 1870, v. 9, p. 207.

⁷⁶ *Ibidem*, p. 446.

⁷⁷ Por exemplo: *Dom Pedro V. Periodico artistico, litterario, critico e noticioso dedicado ao Retiro litterario portuguez*. Rio de Janeiro: Typ. de D. Pedro V, 1871-1873. *Gazeta luzitana. Publicação semanal dedicada à Colonia portugueza no Brazil*. Rio de Janeiro: Typ. Esperança, 1883-1888.

da sociedade portuguesa, na qual o declínio da aristocracia de corte é compensado pelo crescimento de uma classe média que, embora minoritária, impõe seus valores e sua sociabilidade no espaço urbano.⁷⁸ Isabel Corrêa da Silva lembra, a este respeito, que “o associativismo e a beneficência faziam parte do código de maneiras da sociedade burguesa oitocentista”,⁷⁹ uma observação pertinente quando aplicada à colônia portuguesa do Rio de Janeiro.

Se as festividades do tricentenário da morte de Camões consagraram o lugar notável do Gabinete Português de Leitura na paisagem cultural da capital imperial,⁸⁰ elas permitiram também que o Retiro Literário Português consolidasse a sua reputação, com uma “festa” organizada em 11 de junho de 1880 nas instalações do Congresso gymnastico Portuguez, generosamente emprestadas para a ocasião.⁸¹ Confiante de “sua qualidade de corpo colectivo mais antigo propriamente dito litterario”, o Retiro Literário Português convida os representantes da boa sociedade carioca, “um numerosissimo e selecto audictorio de damas e cavalheiros”, entre os quais conselheiros do Estado, senadores e deputados, aristocratas, algumas personalidades do mundo das letras, os representantes dos principais jornais e sociedades literárias da capital, sem esquecer a elite da colônia portuguesa e os representantes das associações portuguesas da capital.⁸² O evento é presidido pelo Barão de Wildik, cônsul-geral de Portugal, que é nomeado, na ocasião, presidente honorário da associação. Parece que o fasto e a participação das elites sociais inauguram um período de grande prosperidade na história do Retiro Literário Português, cujos efetivos crescem de forma notável.

Esta “idade de ouro” é materializada primeiramente no espaço urbano, quando a nova diretoria do Retiro deseja, depois de derrotar algumas reservas quanto ao caráter ostensivo da decisão, deixar as modestas instalações ocupadas até então na rua do Ouvidor.⁸³ Esta mudança marca uma nova etapa na consagração de uma associação que reivindica sua longevidade, sua originalidade e sua reputação no espaço luso-brasileiro, como enfatiza José Palmela, então vice-presidente da sociedade:

⁷⁸ ALMEIDA, Pedro Tavares de. *A construção do Estado liberal*. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, 1995.

⁷⁹ SILVA, Isabel Corrêa da. *Espelho fraterno. O Brasil e o republicanismo português na transição para o século XX*, op. cit., p. 301.

⁸⁰ Ver, para mais detalhes: VENÂNCIO, Giselle Martins. “Um conto de duas cidades”: o Tricentenário de Camões em Lisboa e no Rio de Janeiro. *Passagens. Revista Internacional de História Política e Cultura Jurídica*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, p. 39-54, jan./abr. 2012.

⁸¹ *Descrição da festa commemorativa do tricentenário de camões celebrada no dia 11 de junho de 1880 pelo retiro litterario portuguez*. Rio de Janeiro: Typ. de J. D. de Oliveira, 1880, p. 80. As despesas ocasionadas pelo evento somam 3 contos de réis (sendo a metade para a orquestra), um custo assumido por uma subscrição e uma subvenção excepcional tirada dos fundos do círculo.

⁸² Além do Congresso Gymnastico Portuguez, podemos citar a Secção da Sociedade de Geografia de Lisboa no Brasil (fundada em 1875), o Lyceo Litterario Portuguez (fundado em 1868), a Real Associação dos Artistas Portuguezes (fundada em 1863) e o Club de Regatas Guanabarenses (fundado em 1878).

⁸³ Antes de se instalar na rua do Ouvidor, onde a exiguidade do local era compensada pela reputação de uma rua onde eram então concentradas as lojas mais prestigiosas da capital imperial, o Retiro realizava suas primeiras reuniões na casa de um de seus membros.

A mudança da casa da rua do Ouvidor para outra mais espaçosa no largo da Carioca; as reformas que se vão operar na bibliotheca, na criação de novas aulas e conferencias sobre linguas, sciencias naturaes e sociaes, manifestam a tendencia d’um progresso ascendente e brilhante, que muita honra dá á colonia portugueza do Rio de Janeiro e ao “Retiro”...⁸⁴

A publicação de uma nova revista mensal, quase duas décadas após a publicação de *A Messe*, atesta, em 1882, as novas ambições da sociedade literária. Esta revista de oito páginas garante a publicidade das atividades da sociedade, pela transcrição de cada uma das quatro últimas sessões, além de permitir aos membros publicarem suas obras originais, sejam composições poéticas, ensaios ou reflexões em torno das questões regularmente debatidas nas sessões regulares.

No início de 1884, a eleição para a presidência do comendador Carlos Eduardo Duprat, um “importante negociante d’esta praça, ligado pelos laços de matrimonio a uma distincta e abastada familia brasileira”,⁸⁵ consagra o lugar de destaque adquirido no Retiro pela elite letrada e abastada da colônia portuguesa. A diversificação do recrutamento em uma sociedade fundada por caixeiros da capital reflete a heterogeneidade social de uma “colônia portuguesa” cuja unidade postulada esconde profundos contrastes sociais e econômicos.⁸⁶ O Retiro é objeto de desejos cujo escopo obedece a estratégias individuais de distinção social que se manifestam na eleição da diretoria e no recrutamento de novos membros.

Tal diversificação resulta primeiramente do sucesso socioeconômico do qual podem gabar-se alguns membros fundadores da associação, cuja reputação já ultrapassa o círculo associativo. Por prova, a homenagem unânime prestada pelas associações portuguesas a um outro “comendador”, Joaquim da Costa Ramalho Ortigão, falecido em 1889. Nascido no Porto, o jovem, irmão mais novo de José Duarte Ramalho Ortigão, chega ao Rio de Janeiro em 1856, onde está destinado a uma carreira de negócios. Seu sucesso é notável e ressoa na colônia, pois este modesto “guarda-livros de uma importante casa commercial” se torna, aos 23 anos, membro da diretoria desta casa de café. Membro fundador do Grêmio Literário Português, ele faz parte dos dissidentes que fundam, seis anos depois, o Retiro Literário Português. Alguns anos depois, ele se torna diretor da Caixa de Socorros de D. Pedro V, membro eminente da Seção da Sociedade de Geografia de Lisboa no Brasil e, em seguida, integra a diretoria do Gabinete Português de Leitura, estando na origem do projeto de construção da nova biblioteca.⁸⁷ Seu sucesso social e sua reputação intelectual fazem dele o arquétipo

⁸⁴ *Revista do Retiro litterario portuguez*. Rio de Janeiro: Typ. a vapor de Andrade Silva e Ca, n. 20, p. 1, 29 fevereiro de 1884.

⁸⁵ *Ibidem*, n. 24, p. 2, 30 de junho de 1884.

⁸⁶ BESSONE, Tania; NEVES, Lúcia Bastos Pereira das. As relações culturais ao longo do século XIX. In: CERVO, Amado Luiz; MAGALHÃES, José Calvet de. *Depois das caravelas: as relações entre Portugal e Brasil, 1808-2000*, op. cit., p. 245-246.

⁸⁷ SILVA, Inocêncio Francisco da. *Diccionario bibliographico portuguez*, op. cit., v. 12, p. 374-376.

do emigrante endinheirado, cujo mérito é reconhecido por parte do Estado Português que lhe entregou o título de comendador.⁸⁸

A presidência de Carlos Eduardo Duprat corresponde a uma fase de crescimento notável dos efetivos. Ao longo das sessões semanais, dezenas de novos membros fizeram a sua entrada, entre os quais muitos comendadores. A edição especial publicada em junho de 1884, na ocasião do 25º aniversário do Retiro, reproduz os discursos e composições laudativas pronunciados por alguns dos convidados mais prestigiosos na festa de aniversário organizada nas instalações do *Cassino Fluminense*, na presença do casal imperial.⁸⁹ Este festejo parece coroar uma presidência cujas reformas impulsionadas e recrutamento por ela promovido são a marca de um momento de expansão e prestígio na história do Retiro Literário Português.

O último número da Revista é lançado em 31 de dezembro de 1885, sem nenhuma justificação explicando a interrupção da publicação no número 41.⁹⁰ Ao contrário de *A Saudade* e *A Messe*, a revista nunca teve ambição de ser transatlântica, satisfazendo-se em publicar os atos de suas sessões ordinárias e as obras literárias de seus membros. No entanto, esta modéstia editorial é então compensada pela crescente audiência de uma sociedade literária que cultivava relações privilegiadas com muitas associações e academias do Brasil e, em menor escala, de Portugal. Ex-membros continuam mantendo a reputação do círculo do outro lado do Atlântico, como José Elias Soares Romeo Junior, que trabalhou no comércio no Rio de Janeiro antes de regressar a Portugal em 1868 e publica em 1882 um folheto glorificando o Retiro Literário Português.⁹¹ Se os sucessivos governos em Portugal ainda se preocupam com essa hemorragia demográfica que representa a emigração para o Brasil, o orgulho nacional se vangloria do sucesso social e do patriotismo dos membros das associações portuguesas ultramarinas.

Conclusão

Nos anos 1850-1860, assegurar a responsabilidade financeira e editorial de uma revista perene se revelou ser um desafio demasiadamente ambicioso para as jovens sociedades literá-

⁸⁸ “Os governos de Lisboa [...] [concederam] títulos nobiliárquicos e comendas a praticamente todos aqueles portugueses que conseguiram chegar a um lugar de maior visibilidade no seio da colônia, e que consequentemente exibiam um notável currículo de benemerência. A tal ponto que no Brasil a figura do comendador passou a ser, por excelência, a caricatura do português nobilitado pelo comércio a retalho.” (SILVA, Isabel Corrêa da. *Espelho fraterno*, op. cit., p. 301)

⁸⁹ Dois exemplares impressos em pergaminho são destinados ao imperador d. Pedro II e ao rei de Portugal, Luiz I.

⁹⁰ A imprensa carioca ressoa o renascimento da revista em 1890, mas, ao que parece, apenas dois números são publicados, dos quais os arquivos não têm nenhum registro. Cf. *Diário do Commercio*, 4 de abril de 1890, p. 2 e *Diário de Notícias*, 20 de maio de 1890, p. 2.

⁹¹ SOARES ROMEO JUNIOR, José Elias. *Armas e letras*. Lisboa: Viuva Campos Junior, 1880.

rias portuguesas que são o Grêmio Literário Português e o Retiro Literário Português. Além disso, a convivência dessas duas sociedades parece difícil e o sucesso crescente do Retiro Literário Português precipita, sem dúvida, o desaparecimento do primeiro. A Revista, publicada em 1882 pela nova diretoria do Retiro, ilustra a fidelidade de seus membros a uma tradição editorial fundada em 1860, mas os objetivos dessa publicação são agora diferentes, pois constitui um meio entre outros para, agora, promover no espaço público as atividades da associação. Trata-se, ainda e sempre, de contribuir para promover a educação e a vida cultural na colônia, obrando, ao mesmo tempo, para o reconhecimento da cultura portuguesa no Brasil. A reconfiguração, e até mesmo a renúncia, por muitos anos, à política editorial, estabelecida no entanto pelos estatutos do Retiro, resultam então de uma diversificação das vias de integração na vida cultural local. O espaço mais modesto concedido às publicações é compensado, notadamente, pela organização de eventos públicos de importante impacto simbólico, com sessões solenes, aniversários e celebrações cujo calendário é baseado em eventos marcantes da vida política e cultural em Lisboa como no Rio de Janeiro.

Essas festas, muitas vezes organizadas em parceria com outras associações portuguesas, são a marca visível do sucesso coletivo de uma sociedade literária que soube agregar algumas individualidades notáveis: alguns, de origem humilde, impuseram-se como homens de letras de renome; mais numerosos ainda são aqueles que fizeram fortuna no comércio e cujo prestígio social contribui para a reputação e a riqueza (simbólica e material) do Retiro. É por isso que a interrupção da publicação da Revista, em 1885, não significa de forma alguma o declínio do Retiro, que permanece ativo até os primeiros anos do século XX.⁹² Aliás, o Retiro se beneficia do desenvolvimento de uma imprensa portuguesa cuja quantidade de títulos cresce de um jeito bastante notável no Rio de Janeiro do final do século.⁹³ Portanto, é realmente essa diversificação das formas de publicidade e de socialização que torna a política editorial iniciada na década de 1850 caduca: a ascensão da imprensa portuguesa e o eco crescente do qual as principais associações portuguesas se beneficiam no espaço público carioca são suficientes para garantir a promoção das atividades e eventos aos quais o Retiro associa seu nome. Ele pereniza assim relações cordiais com instituições e associações culturais brasileiras, em nome de uma confraternidade luso-brasileira agora bem efetiva: a reciprocidade, a longo prazo, das trocas e dos convites marca o vigor desses intercâmbios entre sociedades portuguesas e brasileiras no Rio de Janeiro, além das posturas nacionalistas repetidamente expostas por alguns, no Brasil como em Portugal.

O prisma do estudo dessas duas associações literárias forneceu algumas novas reflexões sobre a história da colônia portuguesa no Rio de Janeiro e sobre as suas relações com o

⁹² Note-se, todavia, que este teve que abandonar, já no final da década de 1880, o Largo da Carioca, no Rio de Janeiro, e mudar para instalações mais modestas.

⁹³ Para levantar os títulos da imprensa portuguesa no Brasil, ver: SILVA, Maria Beatriz Nizza da. *Documentos para a história da imigração portuguesa no Brasil, 1850-1938*. Rio de Janeiro: Federação das Associações Portuguesas e Luso-Brasileiras, 1992, p. 114-115.

resto da sociedade imperial. Se o alcance de nosso estudo é interrompido nos meados dos anos 1880, convém estender a reflexão até o século XX, a fim de entender as razões do desaparecimento desse círculo velho de então quase 50 anos, enquanto outras comunidades estrangeiras são estruturadas em uma capital onde é proclamada, em 1889, o advento da República e a primeira grande lei de naturalização.⁹⁴ Se o final do século XIX e início do século XX foram marcados por uma intensificação cada vez maior das circulações literárias no espaço atlântico, esta causa tensões de ordem política, cultural e simbólica que abrem um novo período de crise nas relações luso-brasileiras.

Tradução de Christophe Cromer

Fontes

ALBUM DO GREMIO LITTERARIO PORTUGUEZ NO RIO DE JANEIRO. Rio de Janeiro: Typ. De Teixeira e Cia, 1858.

ALMANAK ADMINISTRATIVO, MERCANTIL E INDUSTRIAL DA CORTE E PROVINCIA DO RIO DE JANEIRO. Rio de Janeiro: Eduardo & Henrique Laemmert, 1844-1940.

A MESSE: PERIODICO DA SOCIEDADE RETIRO LITTERATIO PORTUGUEZ. Rio de Janeiro: Typ. De N. Lobo Vianna & Filhos, 1860.

ARCHIVO DO RETIRO LITTERARIO PORTUGUEZ DO RIO DE JANEIRO. Rio de Janeiro: Typ. de Pinheiro & Cia, 1870.

A SAUDADE: PUBLICAÇÃO LITTERARIA E INSTRUCTIVA. Rio de Janeiro: Typ. de F. A. de Almeida, 1855-1857.

DESCRIPÇÃO DA FESTA COMMEMORATIVA DO TRICENTENARIO DE CAMÕES CELEBRADA NO DIA 11 DE JUNHO DE 1880 PELO RETIRO LITTERARIO PORTUGUEZ. Rio de Janeiro: Typ. de J. D. de Oliveira, 1880.

ESTATUTOS DO GREMIO LITTERARIO PORTUGUEZ NO RIO DE JANEIRO. Rio de Janeiro: Typ. de F. A. de Almeida, 1858.

LISIA POETICA, COLLEÇÃO DE POESIAS MODERNAS D'AUCTORES PORTUGUEZES. Rio de Janeiro: Typ. commercial/Typ. classica de José Ferreira Monteiro, 1848-1849.

REVISTA DO RETIRO LITERÁRIO PORTUGUÊS. Rio de Janeiro: Typ. de Lino, Guimarães e Castro/Typographia de Adolpho Castro e Silva & C.a/Typ. a vapor de Andrade Silva e Ca/Typ. Moreira, Maximino & C.a, 1882-1885.

⁹⁴ No seio da colônia portuguesa, apenas 14% dos homens e 4% das mulheres aceitaram a nacionalidade brasileira. LESSA, Carlos (Org.). *Os lusíadas na aventura do Rio moderno*, op. cit., p. 45.

SILVA, Inocêncio Francisco da. *Diccionario bibliographico portuguez. Estudos de Innocencio Francisco da Silva applicaveis a Portugal e ao Brasil*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1860-1870.

SOARES ROMEO JUNIOR, José Elias. *Armas e letras*. Lisboa: Viuva Campos Junior, 1880.

Referências bibliográficas

- ALMEIDA, Miguel Vale de; BASTOS, Cristiane; FELDMAN-BIANCO, Bela (Org.). *Trânsitos coloniais: diálogos críticos luso-brasileiros*. Campinas: Editora Unicamp, 2007.
- ALMEIDA, Pedro Tavares de. *A construção do Estado liberal*. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, 1995.
- _____. (Org.). *História contemporânea de Portugal. A construção nacional, 1834-1890*. Madri/Carnaxide: Fundación Mapfre/Ed. Objectiva, 2013.
- ALVES, Jorge Fernandes. *Os brasileiros, emigração e retorno no porto Oitocentista*. Porto: Gráficos reunidos, 1994.
- CARVALHO, Marcos Antônio de. *Bebendo açaí, comendo bacalhau: Perfil e práticas da sociabilidade lusa em Belém do Pará entre finais do século XIX e início do século XX*. Tese (Doutorado em história) — Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto, 2011.
- CERVO, Amado Luiz; MAGALHÃES, José Calvet de. *Depois das caravelas: as relações entre Portugal e Brasil, 1808-2000*. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 2000.
- CÉSAR, Guilhermino. *O “brasileiro” na ficção portuguesa*. Lisboa: Parceria A. M. Pereira, 1969.
- CORRÊA DA SILVA, Isabel. *Espelho fraterno. O Brasil e o republicanismo português na transição para o século XX*. Lisboa: Divina Comédia, 2013.
- CRUZ, Maria Antonieta. *Agruras dos Emigrantes Portugueses no Brasil — contribuição para o estudo da emigração portuguesa na segunda metade do século XIX*. *Revista de História*, Porto, v. VII, p. 7-134, 1986-1987.
- DOMINGOS, José Alves Caeiro; TRINDADE, Maria Beatriz Rocha. *Portugal-Brasil: migrações e migrantes, 1850-1930*. Lisboa: Inapa, 2000.
- GUIMARÃES, Manuel Luís Salgado. *Nação e civilização nos trópicos: o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o projeto de uma história nacional*. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, n. 1, p. 5-27, 1988.
- HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil. Sua história*. 3. ed. São Paulo: EdUSP, 2012.
- LESSA, Carlos (Org.). *Os Lusíadas na aventura do Rio moderno*. Rio de Janeiro: Record/Faperj, 2002.

- LOPES, Hélio. *A divisão das águas: contribuição ao estudo das revistas românticas Minerva Brasiliense (1843-1845) e Guanabara (1849-1856)*. São Paulo: Conselho Estadual de Artes e Ciências Humanas, 1978.
- MACHADO, Igor José de Renó. O “brasileiro de torna-viagens” e o lugar do Brasil em Portugal. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, n. 35, p. 47-67, jan./jun. 2005.
- MACHADO, Ubiratan. *A vida literária no Brasil durante o romantismo*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.
- MARTINS, Ismênia de Lima; SOUSA, Fernando de; MEIRELES PEREIRA, Conceição (org.). *A emigração portuguesa para o Brasil*. Porto: CEPES/ Afrontamento, 2007.
- MELO, Daniel; SILVA, Eduardo Caetano da (Org.). *Construção da nação e associativismo na emigração portuguesa*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2009.
- MELO, Victor Andrade de; PERES, Fabio de Faria. Associativismo e política no Rio de Janeiro do Segundo Império: o Clube Ginástico Português e o Congresso Ginástico Português. *Topoi*, Rio de Janeiro, v. 15, n. 28, p. 242-265, jan./jun. 2014.
- PEREIRA, Miriam Halpern. *A política portuguesa de emigração (1850-1930)*. São Paulo: EDUSC/Instituto Camões, 2002.
- RAMOS MENDES, José Sacchetta. *Laços de sangue. Privilégios e intolerância à imigração portuguesa no Brasil (1822-1945)*. Porto: Fronteira do Caos/CEPESE, 2010.
- RIBEIRO, Gladys Sabina. *A liberdade em construção. Identidade nacional e conflitos antilusitanos no Primeiro Reinado*. Rio de Janeiro: Faperj/Relume Dumará, 2002.
- ROCHA-TRINDADE, M. Beatriz. Reflexos Culturais da Emigração Portuguesa para o Brasil. *Análise Social*, n. 90, p. 139-156, 1986.
- ROZEAUX, Sébastien. *La genèse d'un «grand monument national»: littérature et milieu littéraire au Brésil à l'époque impériale (1822-c.1880)*. Tese (Doutorado em história contemporânea) — Université de Lille III, Lille, 2012, 2 v.
- _____. La revue *Minerva Brasiliense* (1843-1845) et la fondation des *Letras Pátrias* au Brésil. *Revue d'Histoire du XIX^e siècle*, Paris, n. 50, p. 181-197, 2015/1.
- _____. Réceptions croisées du *Cancioneiro alegre de poetas portuguezes e brasileiros* (1879) de Camilo Castelo Branco: la formation d'un espace littéraire luso-brésilien sous tension. *Amnis. Revue de Civilisation Contemporaine Europes/Amériques*, Marseille, n. 14, 2015. DOI: 10.4000/amnis.2550.
- _____. Les fondations fragiles d'un espace littéraire transatlantique. *Cultura. Revista de História e Teoria das Ideias*, Lisboa, v. 34, p. 197-221, 2015.
- SILVA, Maria Beatriz Nizza da. *Documentos para a história da imigração portuguesa no Brasil, 1850-1938*. Rio de Janeiro: Federação das Associações Portuguesas e Luso-Brasileiras, 1992, p. 114-115.

VENÂNCIO, Giselle Martins. “Um conto de duas cidades”: o Tricentenário de Camões em Lisboa e no Rio de Janeiro. *Passagens. Revista Internacional de História Política e Cultura Jurídica*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, p. 39-54, jan./abr. 2012.